

A TRANSMISSÃO DA PSICANÁLISE E OS GRUPOS

THE TRANSMISSION OF PSYCHOANALYSIS AND THE GROUPS

Emília Estivalet Broide¹

Resumo: A psicanálise tem em seu cerne a experiência de um saber, o do inconsciente. Um saber que o sujeito não conhece, um saber imprevisível, um saber que não se sabe. Portanto, o ofício do psicanalista é uma práxis aberta à inquietação. Freud criou e colocou em circulação na cultura um método específico de escuta do sofrimento humano. Além das regras técnicas para o exercício da psicanálise, transmitiu um saber-fazer (*savoir-faire*) que só se adquire por uma experiência pessoal com o trabalho sobre si mesmo e no compartilhamento dessa aventura solitária com outros. Portanto, a transmissão da psicanálise não é sem os grupos. Nesse sentido, é importante pensar os grupos onde vigora o discurso psicanalítico, como locus de produção de saber – tanto na relação entre analistas na construção viva da psicanálise quanto na realização de grupos fundados no discurso psicanalítico com fins terapêuticos.

Palavras-chave: Transmissão da Psicanálise. Psicanálise e Grupos. Pichon-Rivière e os Grupos.

Abstract: Psychoanalysis has at its core the experience of a certain knowledge: the unconscious. A knowledge that the subject does not know, an unpredictable knowledge. Therefore, the psychoanalyst's role is a praxis open to disquiet. Freud created and circulated in culture a specific method of listening to human suffering. In addition to the technical rules for the exercise of psychoanalysis, he transmitted a know-how (savoir-faire) that can only be acquired through personal experience working on oneself and sharing this solitary adventure with others. Thus, the transmission of psychoanalysis is not without groups. In this sense, it is important to think about the groups where the psychoanalytic discourse prevails, as a locus of knowledge production – both in the relationship between analysts in the living construction of psychoanalysis and in the creation of groups based on psychoanalytic discourse for therapeutic purposes.

Keywords: Transmission of Psychoanalysis. Psychoanalysis and Groups. Pichon-Rivière and Groups.

OFÍCIO DE PSICANALISTA

Nosso ofício como psicanalistas implica o contato direto com a dor do analisante. Ninguém chega a uma análise “a passeio”, sempre algo intriga, instiga, incomoda, desassossega. Impõe-se então uma tarefa que nos concerne, qual seja, a escuta do sofrimento do outro. Nessa escuta não assumimos o lugar de assistente do drama, testemunhas da queixa do mal-estar do sujeito. O analista

¹ Psicanalista. Psicóloga/ PUCRS. Mestre em Saúde Pública/FSPUSP. Doutora em Psicologia Social/ PUCSP. Pós-doutoranda em Psicologia Clínica/ USP. Consultora na saúde, assistência social, educação e direitos humanos. Autora de artigos e livros em psicanálise. E-mail: emilia_bro@uol.com.br

embrenha-se e acompanha o analisante no labiríntico caminho em busca da causa, daquilo que o causa, da causa de seu sofrimento, daquilo que o funda.

Essa atitude é em si uma posição ética que não permite que nos guiemos por soluções aparentemente simples, respondendo ao sofrimento com palavras de conforto, que serviriam mais para obstaculizar e conformar o sujeito ao seu drama. Nosso propósito, ao invés disso, é confrontar o sujeito com seus pontos de impasse. E confrontar o sujeito com seus impasses é acolhê-lo. E nesse acolhimento, ao colocar em cena e operação a transferência, é convocá-lo, incitando-o à associação livre, a fim de que o sujeito do inconsciente possa advir no dito daquele que fala.

O analista oferta uma escuta que cria uma fala orientada pela transferência. A transferência é o nome do laço que se produz na cena analítica entre analista e analisante, que possibilita o estabelecimento de uma relação de entrega e confiança para que o sofrimento ganhe lugar de expressão e possa desdobrar-se associativamente potencializando novas significações àquilo que se encontrava cristalizado e/ou insabido.

A transferência não é exclusiva da análise, uma vez que se faz presente nas mais variadas formas de relação entre as pessoas, mas a resposta à transferência por parte do analista confere a esta um caráter específico, que vai significar uma forma de tratamento e cura das questões psíquicas do sujeito e uma forma de transmissão da teoria. Portanto, a transferência e a resposta do analista, à altura do discurso analítico, são operadores necessários na clínica para que uma análise aconteça, e também na transmissão da psicanálise, uma vez que há uma peculiaridade no ensino do corpo teórico e do ofício analítico.

PASSAGEM DO AMOR TRANSFERENCIAL AO DESEJO DE SABER

Além de a transferência operar em uma análise, ela também é motor de trabalho entre analistas no modo de transmissão da psicanálise desde Freud. As cartas trocadas entre Freud e seus interlocutores nos mostram que a correspondência era baseada em uma relação de amizade e de suposição de saber. Nesses diálogos, havia trocas de admirações e apresentação de hipóteses clínico-teóricas. Além das correspondências, as Atas das Reuniões Psicológicas das Quartas-Feiras atestam a transferência em operação – dessa vez, de forma grupal, em um período inaugural e essencial para o desenvolvimento da psicanálise. Em torno de Freud se reunia um grupo de intelectuais para conversar sobre as questões que envolviam os impasses, as dificuldades, os êxitos, os fracassos e as novas teorizações em psicanálise. Esses encontros marcam a passagem do amor transferencial ao desejo de saber. Laço que unia os integrantes do seletivo grupo à construção da clínica e da teoria, a partir da experiência psicanalítica, que também era composta pelas narrativas das experiências pessoais dos participantes.

No outono de 1902, um médico vienense, Wilhelm Stekel, que havia feito e se beneficiado de uma curta psicanálise com Freud devido a dificuldades sexuais, sugeriu que montassem um grupo de discussão. Carente de uma caixa de ressonância para suas ideias, Freud enviou cartões para Alfred Adler. Estava formada a Sociedade Psicológica das Quartas-Feiras que se reunia na sala de espera de “Herr Professor” (Checchia, Torres, & Hoffmann, 2015, p. 12).

CONVIDADO

Estava formado o primeiro pequeno grupo baseado na transferência de trabalho da história da psicanálise. As discussões que surgiram desses encontros só começaram a ser registradas a partir de 1906, quando Otto Rank foi nomeado secretário e começou a escrever as Atas.² A partir de 1908, as reuniões da Sociedade Psicológica das Quartas-Feiras constituíram a Sociedade Psicanalítica de Viena.

Nessas minutas, esses senhores – em sua maioria médicos, mas também educadores e escritores – debatem sobre os mais diversos assuntos: psicanálise, inconsciente, etiologia e terapia das neuroses, sexualidade, onanismo, impotência, homossexualidade, em suma, vinham à tona ali os temas que a clínica psicanalítica recém-criada por Freud revelava... (Checchia et al., 2015, p. 13).

As Atas atestam a existência de um pequeno grupo que, nos primórdios da psicanálise, colocou-se a trabalhar orientado por uma tarefa. As Atas das Reuniões Psicológicas das Quartas-Feiras nos possibilitam hoje acompanhar os debates que ocorriam entre os fundadores da nova ciência. “Elas são o registro do posicionamento que cada um assumiu frente a um determinado assunto e um registro de que tal posicionamento não era consensual” (Checchia et al., 2015, p. 13).

Isso nos parece bastante interessante, pois a teoria se configura a partir de discussões e embates que colocam em atrito formas de pensar que fazem surgir o novo, dialetizando verdades cristalizadas. “As Atas revelam um espírito investigativo marcado por uma capacidade de acompanhar uma discussão, reconhecer o ponto de vista do outro, expandir os limites do entendimento e debater propósitos alternativos possíveis” (Checchia et al., 2015, p. 13).

Nos encontros eram discutidos textos de Freud, resenhas de livros e artigos, novas conquistas nas artes, literatura, biologia, mitologia, etc. As Atas apresentam questões como o papel dos fatores sociais na formação das neuroses, a concepção de cura para a psicanálise. Como transmitir um caso clínico? Como a literatura e a filosofia podiam contribuir para a psicanálise? Como organizar uma instituição psicanalítica?

Insistimos aqui que essa experiência psicanalítica foi tecida em grupo, sob forma de compartilhamento da solidão em comum – que ocorre no exercício da práxis psicanalítica – junto a outros. A transferência fez laço entre os participantes das reuniões das quartas-feiras na construção da psicanálise e na formação dos primeiros analistas. A transferência como amor “que se dirige ao saber” é fundamento e caminho para que o sujeito possa aceder ao desejo. “Aquele a quem suponho o saber, eu o amo”, resume Lacan (1985, p. 91). As Atas das Reuniões Psicológicas das Quartas-Feiras nos possibilitam examinar a experiência grupal nos primórdios da psicanálise: do amor ao mestre encarnado, em sua faceta imaginária, gerando efeitos de ruptura, rivalizações e disputas, ao desejo de saber, no qual algo das discussões foi transmitido e passou de resto à causa de desejo, presentificando a psicanálise no mundo.

A vivência grupal que ocorreu nos primórdios da psicanálise nas reuniões das quartas-feiras gerou frutos, ganhou outros contextos. Foram criadas sociedades, associações e fóruns de discussão mundo afora. A vivência grupal também foi elaborada e desenvolvida por vários psicanalistas ao longo da história da psicanálise, como método de trabalho em situações terapêuticas e na transmissão e formação de psicanalistas. Vamos abordar as teorizações de Enrique Pichon-

Rivière, com a sua formulação dos grupos operativos, ou grupos centrados na tarefa, e a de Jacques Lacan, com a criação do dispositivo de cartel. Propomos que o conceito de “tarefa” originário do grupo operativo pichoniano e o conceito do “Mais-Um” do cartel lacaniano constituem-se como operadores que nos auxiliam a fazer frente à adesão às identificações imaginárias que transformam o grupo em massa. Ou seja, os conceitos de “tarefa” e “Mais-Um” nos alertam para os efeitos de massa que sobrepujam o que nos grupos pode operar contra a abertura ao discurso psicanalítico, enquanto enlace social.

Quando se fala no trabalho coletivo com/em grupo, imediatamente se imagina o grupo como uma unidade fechada: “o grupo pensa”, “o grupo sente”... Essa visão propõe que o grupo faça um. Um todo integrado, ligado a pares de complementariedade, de forma que o grupo seja tomado como massa de indivíduos. Mas nossa compreensão é a de que não existe um “ente” grupal, pois não existe enunciação coletiva. Nos grupos há sujeitos atravessados pelas dimensões desejantes, pulsionais, passionais, sociais, econômicas e históricas em uma pluralidade transferencial que o coletivo promove. Nessa perspectiva, situamos o inconsciente no cerne da experiência grupal onde o sujeito se apresenta em sua divisão constitutiva, emergente de uma complexa trama vincular constituída por suas relações familiares, sociais, grupais e comunitárias.³

PICHON-RIVIÈRE E JACQUES LACAN: COLOCANDO EM DIÁLOGO PROXIMIDADES E DIFERENÇAS

Ao aproximarmos Pichon-Rivière e Jacques Lacan estamos cientes de suas diferenças. Contudo, entendemos que existem pontos de aproximação entre os dois psicanalistas: o surrealismo, a língua francesa, a psicose, a loucura e os “pequenos grupos”. Ambos propuseram novas formas de compreensão e abordagem das psicopatologias e da técnica psicanalítica. Foram questionadores das regras estabelecidas pelas associações às quais pertenceram (Associação Psicanalítica Argentina e Sociedade de Psicanálise de Paris) e fizeram do conflito um valor. Colocaram em questão a técnica e a lógica institucional sobre as quais estava assentada a formação dos psicanalistas nas sociedades. Recaiu sobre eles a mesma penalização, qual seja, o cerceamento da atividade didática no interior das instituições das quais faziam parte.

Cada um deles fundou sua escola. Apesar das diferenças conceituais, dedicaram-se a formalizar o dispositivo grupal, tornando-o um elemento estrutural da escola. Pichon-Rivière, criador dos grupos operativos ou grupos centrados na tarefa, incidiu na formação de analistas de muitas gerações, criando práticas inovadoras e instituindo o materialismo histórico e dialético no campo psicanalítico, ampliando a abordagem do sujeito para além do intrapsíquico e promovendo a intervenção em psicanálise para além da própria disciplina em diferentes contextos como a família, as instituições, pesquisas, ensino, etc.

O grupo operativo constitui-se como uma unidade básica de trabalho e investigação; “designa uma pequena porção do tecido social que sendo coletivo, permite o envolvimento subjetivo” (Adamson, 2018, p. 17). Pichon-Rivière o define como um “conjunto restrito de pessoas ligadas entre si por constantes de tempo e espaço, e articuladas por uma mútua representação interna, que se propõe, de forma explícita ou implícita, uma tarefa que constitui sua finalidade” (Pichon-Rivière, 2005b, p. 243).

A centralidade da tarefa no grupo operativo indica que o coordenador do grupo não está no lugar do mestre. Quem guia o grupo é a tarefa. Ela é o refe-

CONVIDADO

rente em torno do qual os integrantes do grupo estão ligados. O coordenador do grupo também está a serviço da tarefa, tal qual seus integrantes. A tarefa, portanto, é o caminho, a práxis que possibilita chegar ao objetivo, não se resumindo ao objetivo do grupo. É um “fazer” e um “fazer-se” no grupo. A tarefa introduz o furo no grupo, assim como o vaso que se cria em torno do vazio. No vaso encontramos a matriz da mão do oleiro, a soma das impressões da pele do oleiro sobre o vaso (Didi-Huberman, 2009, p. 55). No grupo, vetorizado pela tarefa, podemos encontrar a marca, a soma das impressões do discurso analítico pelo qual o coordenador é atravessado, provocando e revelando o lugar paradoxal para o alojamento das singularidades no coletivo.

Já Lacan (2003a) propôs em sua escola o cartel como um dispositivo grupal de produção em psicanálise entre os pares institucionais, a partir da transferência de trabalho. Assim como Pichon-Rivière (2005b) instituiu a tarefa como o eixo do trabalho grupal, descentrando a figura do coordenador e com isso minimizando o efeito de mestria, Lacan instituiu os cartéis como pequenos grupos para promover a transferência de trabalho e transmissão da psicanálise. Nos cartéis, Lacan criou a função do Mais-Um, a fim de minimizar os efeitos de identificação imaginária dos membros do grupo entre si e com o coordenador. A lógica que Lacan deu ao Mais-Um propicia manter a comunidade do grupo, e ao mesmo tempo descompletá-lo. O Mais-Um introduz um resto que não permite a indução a um ideal de unidade ou de saber completo. Aquele que desempenha a função do Mais-Um não deve ceder à tentação de encarnar o líder, que “pode ser qualquer um, mas deve ser alguém”, representante de uma função de alteridade.

Na Ata de Fundação da Escola Freudiana de Paris, Lacan (2003a) introduz o pequeno grupo como uma forma inovadora de trabalho entre os analistas. Lançou o cartel como dispositivo grupal que propiciava a elaboração, produção e difusão do trabalho dos membros da escola. O cartel é o lócus no qual os membros da escola apresentam tanto suas produções quanto os impasses e as crises de trabalho, elaboração que se dá, portanto, no nível do pequeno grupo. Lacan sustentava que o ensino da psicanálise não poderia se transmitir de um sujeito a outro, se não for pelas vias da transferência de trabalho. Explica:

Aqueles que vierem a esta Escola se comprometerão a realizar uma tarefa submetida a um controle interno e externo: os que assim se comprometerem podem estar seguros de que nada se economizará para que tudo o que façam de valor tenha a difusão que merece no lugar que convenha. Para a execução desse trabalho adotaremos o princípio de uma elaboração sustentada em um pequeno grupo. Cada um deles (temos um nome para designar esses grupos) se comporá de pelo menos três pessoas e de no máximo cinco, sendo quatro o tamanho ideal. Mais-Um, encarregado da seleção, da discussão e do destino que se reservará ao trabalho de cada um (Lacan, 2003a, p. 8).

Já em 1980, Lacan, em “D’Écolage” (1980), ao relançar “A Causa freudiana”, afina cinco pressupostos e formaliza a estrutura do cartel como “órgão de base” da fundação da escola, “que não é Escola, senão Campo”.

Primeiro – quatro se elegem para realizar um trabalho que deve ter seu produto. Esclareço: produto próprio a cada um e não coletivo.

Segundo – a reunião dos quatro se efetua em torno de um Mais-Um que,

sendo qualquer um, deve ser alguém. Caberá a ele velar pelos efeitos internos do empreendimento e provocar sua elaboração.

Terceiro – para prevenir o efeito cola, uma permutação deve ser feita em um ano, no máximo dois.

Quarto – nenhum progresso é esperado salvo colocar a céu aberto, periodicamente, tanto os resultados como as crises do trabalho.

Quinto – o sorteio assegurará a renovação regular das referências criadas com o objetivo de vetorizar o conjunto. A Causa freudiana não é Escola, senão Campo – onde cada um terá via livre para demonstrar o que faz com o saber que a experiência deposita (Lacan, 1980, p. 14).

Novamente aqui Lacan vai precisar a função do pequeno grupo como ferramenta privilegiada do trabalho em comum entre os analistas, “órgão de base da Escola”, pelo qual se espera um “produto próprio de cada um e não coletivo”. A elaboração e a produção singular são elementos fundamentais na estrutura do cartel. O cartel deve ter um produto e seus membros devem colocar “a céu aberto”, periodicamente, tanto os resultados como os dilemas de trabalho. O cartel é uma aposta de resposta ao nó que está presente na constituição dos grupos pautado nas identificações imaginárias. O grupo como formação social favorece a identificação ao líder como lugar do ideal, propiciando também outro tipo de identificação, daquela que se dá entre os pares.

Em Lacan, portanto, não se trata de objetar as práticas chamadas de grupo, senão que ele assinala a importância de estarmos atentos para identificar como operam os efeitos imaginários que se produzem, evitando o efeito massa e, com isso, contornar o real, o buraco, o vazio, que funda o grupo. A produção singular de cada um no cartel é o testemunho dos impasses e de seus avanços e pode servir para indicar a passagem dos efeitos imaginários a uma produção que se sabe sempre incompleta. O cartel é dispositivo que busca interrogar o real que funda o trabalho grupal e obstaculiza a densidade imaginária.

Entender, portanto, os grupos como lugar de produção de interrogantes, de questionamentos do óbvio e do instituído, promovendo novos saberes a partir de novas articulações do já conhecido, é a perspectiva que articula esses dois psicanalistas herdeiros do pensamento e da aposta freudiana.

Uma entrevista publicada na revista *Actualidad Psicológica* datada de dezembro de 1975 (e republicada em 2017) nos mostra a premissa de que o diálogo entre psicanalistas com distintas formações não deve estar fundamentado na busca da construção de uma identidade; ao contrário, pode incluir a discrepância e, ao mesmo tempo, encontrar pontos de conexão e interesses comuns. O entrevistador pergunta a Pichon-Rivière: “Se você fosse Jacques Lacan, que autocrítica se faria?” O psiquiatra e psicanalista responde: “Se Pichon-Rivière fosse Jacques Lacan, sua autocrítica se realizaria sempre desde a perspectiva de Pichon-Rivière, já que nossa amizade não se fundou em identidades, senão em coincidências, em uma modalidade de pensamento que como diálogo inclui a discrepância” (Pichon-Rivière, 1975, p. 2).

Nessa entrevista, Pichon ainda diz que o que os aproximou foi a paixão pela psicanálise. O encontro entre ambos se deu no congresso de psicanalistas de fala francesa realizado em 1951, em um momento bastante fecundo da psicanálise francesa, no qual o pensamento psicanalítico se abria à influência da fenomenologia, do estruturalismo, do existencialismo e do marxismo.

Uniu-me a Lacan – entre outras coisas – uma convicção militante em relação às imensas possibilidades criativas do pensamento freudiano. E falo de militância porque nesse momento a criatividade no marco das sociedades psicanalíticas significava enfrentamentos, combate, quem sabe rupturas. De tudo isso sabíamos bem Lacan e eu. Creio que Lacan me sentiu “lacanianos” assim como eu o senti “pichoniano”. Não somos nem um nem outro, mas Freud, o surrealismo e a cultura francesa foram as chaves de uma amizade imediata, que permaneceu inalterável no tempo (Pichon-Rivière, 1975, p. 2).

A transmissão da psicanálise não é sem os grupos. Portanto, é importante pensar os grupos como lócus de produção de saber, sempre que estruturados a partir do discurso analítico, de uma exterioridade que os funda. “Direi que meço o efeito grupo pelo que ele acrescenta de obscenidade imaginária ao efeito de discurso” (Lacan, 1985, p. 475).

Menos surpreso se há de ficar com este dizer, espero, por ser historicamente verdadeiro, que foi a entrada em jogo do discurso analítico que abriu caminho para as práticas ditas de grupo, e que essas práticas desvelam apenas um efeito purificado, se me atrevo a dizê-lo, do próprio discurso que permitiu sua experiência. Não há nisso nenhuma objeção à prática dita de grupo, desde que ela seja bem indicada” (Lacan, 2003b, p. 475).

OS GRUPOS COMO LÓCUS DE PRODUÇÃO DE SABER

Coordenar grupos é uma obra de arte. Trata-se de fazer advir as narrativas associativamente e com isso contornar o furo, o ponto cego, aquilo que não foi escutado no que já foi dito. Diz respeito a aguentar a angústia da suspensão do sentido e sustentar o trabalho clínico consigo próprio. Sustentar o trabalho a partir da tarefa e do enquadre do grupo, para que possa surgir no grupo aquilo que escapa da fala corriqueira e não adere à fórmula de fixação do gozo na queixa. Caso o coordenador preencha o sentido do dito do integrante do grupo, fixa o gozo no jogo da queixa. Ele tem a responsabilidade de deixar ressoar os ditos, possibilitando a construção de uma trama que constitui um comum; de partir de um conjunto de afetos e pensamentos para captar o entredito presente e permitir que algo novo possa advir. Não se trata de inventar, ou acrescentar sentidos ao que é dito no grupo, e dar significados às falas dos seus integrantes, mas, a partir do que foi dito, recuperar a densidade da palavra, a sonoridade da palavra, a sua cadência.

No grupo, é entre o que é dito e o que é escutado que pode surgir um efeito de suspensão do sentido. Isso é importante, uma vez que a posição do coordenador analista é a de poder escutar no dito dos integrantes do grupo, a partir do discurso psicanalítico, o que está além da intenção de cada fala. Escutar mais além de toda massa sonora. Faz-se fundamental que o coordenador possa garantir a fala dos diversos integrantes do grupo, a partir do não saber de cada um, e não do senso comum. Para isso deve esvaziar evidências, circunscrever o real e não traduzi-lo, fazendo surgir a questão de cada um, como emergente do grupo, possibilitando ainda que cada integrante possa tomar para si as ressonâncias do dito.

A função de analista na coordenação do grupo põe em movimento o discurso analítico. Essa função possibilita a aposta na radicalidade do inconsciente

no cerne da experiência grupal, a fim de que ali se produza algo inédito, um encontro surpreendente do sujeito com a verdade que o constitui, onde inicialmente existe a angústia, a busca de uma resolução. A tarefa do analista no grupo é fazer advir a verdade que, embora presente, não se fazia visível (audível) antes. A aparição de um saber não sabido, por parte do integrante, implica a presença do analista enquanto função.

A produção de saber gerada no grupo é um saber fora de previsão. Embora o grupo operativo tenha uma tarefa, esta se desenrola com o coordenador em posição de causa e não de oráculo. A posição de oráculo que garante a resposta pronta e preenhe de sentido, ou ainda, a resposta senso comum, é resistência do grupo em relação à tarefa à qual ele se propõe. Pichon-Rivière nomeia esse momento de pré-tarefa. A pré-tarefa é resistência, contraface da transferência como motor do trabalho analítico. A função de causa, operada pelo coordenador, visa a impedir os efeitos imaginários que tendem a surgir quando a palavra falta, quando o simbólico não dá conta e clama pelo imaginário para contornar o real, o que poderá fazer advir algo novo, inédito.

Quando um analista está presente como coordenador de um grupo ele segue guiado pela transferência como operador do encontro terapêutico. Contudo, existem outros presentes na cena analítica, os outros participantes. Então, como criar espaços para a aparição da divisão do sujeito no espaço coletivo, a fim de que um saber se produza e possa advir? Em que momento a fala de alguém adquire sentido para produzir espaços que promovam a associação livre dos participantes do grupo em direção da tarefa? Que estilo adquire a produção grupal? Quando algo que é falado no grupo adquire status de um devir associativo e não simplesmente o tamponamento da questão? As falas no grupo são laboriosamente construídas, ou fugazes como um lapso, um piscar de olhos? Precisas? Cômicas? Divertidas? Inadvertidas? Interpretativas? Equivocadas? Todas essas questões tornam o trabalho psicanalítico com os grupos inquietante, uma vez que indaga a função de analista em transferências cruzadas.

CONCLUINDO: O LAÇO NOS GRUPOS É UM ENCONTRO FALTOSO

O ser humano é dependente do outro. Freud, em *Psicologia das massas e análise do eu* (2011), ressalta que na vida psíquica do sujeito o outro sempre aparecerá como modelo, objeto, auxiliar ou inimigo. Pichon-Rivière situa que a subjetividade é sempre social, resultante da interação entre indivíduos, grupos ou classes. Portanto, a subjetividade é a um só tempo singular e emergente das tramas vinculares que transcendem o próprio sujeito, uma vez que se vive o mal-entendido da linguagem. Sem roteiro prévio, a palavra no campo do dizer não tem um sentido único. O destino daquilo que o sujeito fala não é previsível. A presença do analista coordenador coloca em jogo essa estrutura.

Nos grupos, os sofrimentos, quando compartilhados, encontram ressonâncias e dissonâncias. O outro semelhante é também meu desconhecido e sua presença no grupo inclui ao mesmo tempo acolhimento e estrangeiridade. O trabalho com grupos visa à inscrição da questão singular de cada um, e não a simples manifestação catártica da emoção vivida pela questão falada no grupo. A dramatização produz cadeias associativas que podem desvelar cenas cristalizadas, fazer circular os significantes, e não somente interpretar. Perguntar não para obturar o lugar da dúvida, mas para fazer deslizar significados sintomatologicamente pregnantes.

CONVIDADO

O encontro do integrante do grupo é com a sua própria falta e com a falta do analista enquanto pessoa, com a falta existente em outro integrante do grupo. Logo, o que articula a presença das pessoas no grupo é o encontro faltoso. Cada participante do grupo vai buscar respostas à angústia que o levou para um tempo-espaço em comum com outros. Nessa perspectiva, todos estão também enlaçados à transferência com a tarefa, esta tomada como transferência de trabalho na relação entre os integrantes do grupo entre si e destes com o coordenador – desde Freud e seus primeiros discípulos, nas Reuniões Psicológicas das Quartas-Feiras, até os dias de hoje na transmissão entre pares nas instituições, associações, sociedades, e no exercício clínico, fundante de nossa práxis.

NOTAS

2. As atas são redigidas por Otto Rank de 1906 a 1915, período no qual ele exerce a função de secretário remunerado da Sociedade. Em 1915, Rank deixa Viena para cumprir serviço militar na Primeira Guerra Mundial. De 1915 a 1933 há registros dessas reuniões, mas os relatos são breves e relativos a assuntos administrativos, registros dos presentes, sem o teor e o calor das discussões científicas descritas nas atas de Rank.
3. A noção de sujeito para Pichon-Rivière (2005a) é de alguém produzido pela sua interação no mundo (indivíduo, sociedade, classe social), *na e pela* práxis em um interjogo entre o psicossocial (grupo interno) e o sociodinâmico (grupo externo). Porta-voz das questões de sua época.

REFERÊNCIAS

- Adamson, G. I. (2018). **Coordinación y intervención em el grupo operativo**. Buenos Aires: Lugar Editorial.
- Checchia, M., Torres, R., & Hoffmann, W. (2015). **Os primeiros psicanalistas: atas da Sociedade Psicanalítica de Viena 1906-1908**. S.l.: Scriptorium.
- Didi-Huberman, G. (2009). **Ser crânio: lugar, contato, pensamento, escultura**. Belo Horizonte: C/Arte. Recuperado de <https://bax-uva.github.io/fantasma/arquivos/Ser-Cranio.pdf>
- Lacan, J. (1980). D'Écolage. In J. Lacan, **O seminário: 27: dissolução** (inédito). Recuperado de <https://www.ebp.org.br/wp-content/uploads/2020/02/22DE%CC%81colage22-Jacques-Lacan.pdf>
- Lacan, J. (1985). **O seminário: livro 20: mais ainda** (M. D. Magno, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1972-73).
- Lacan, J. (2003a). Ato de fundação da Escola Freudiana de Paris. In J. Lacan, **Outros escritos** (pp. 235-247). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1964).
- Lacan, J. (2003b). O aturdido. In J. Lacan, **Outros escritos** (pp. 448-497). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1973).
- Freud, S. (2011). Psicologia das massas e análise do Eu. In S. Freud, **Obras completas** (P. C. de Souza, trad., vol. 15, pp. 13-113). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1921).
- Pichon-Rivière, E. (1975, dezembro). Pichon-Rivière habla sobre Lacan. **Revista Actualidad Psicológica**, 12. Recuperado de <http://www.area3.org.es/sp/item/16/PichonRivi%C3%A8re%20habla%20sobre%20J.%20Lacan>

Pichon-Rivière, E. (2005a). Contribuições à didática da psicologia social (em colaboração com Ana P. de Quiroga, agosto de 1972). In E. Pichon-Rivière, **O processo grupal**. São Paulo: Martins Fontes.

Pichon-Rivière, E. (2005b). História da técnica dos grupos operativos. In E. Pichon-Rivière, **O processo grupal**. São Paulo: Martins Fontes.

CONVIDADO